



KnоШy #496

Fevereiro 5, 2019



Como o Livro de Mórmon pode trazer paz e significado para aqueles que estão no serviço militar?

“Disse o Senhor: Defendereis vossas famílias mesmo até o derramamento de sangue. Por esta razão estavam os nefitas lutando com os lamanitas, a fim de defenderem-se, defenderem suas famílias e suas terras, seu país e seus direitos e sua religião.”

Alma 43:47

O conhecimento

Servir o país no serviço militar pode e deve sempre ser visto como um serviço nobre, um serviço superior ao seu próprio. Muitos profetas antigos conduziram os soldados com retidão em batalhas necessárias: Moisés, Josué, o rei Benjamim, Alma, o Filho, e, claro, Mórmon, o compilador do Livro de Mórmon. Além disso, muitos apóstolos e outras autoridades gerais da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias têm servido honrosamente no serviço militar. Estudar a vida e os exemplos desses profetas e líderes guerreiros pode proporcionar paz e

significado a todos aqueles atualmente envolvidos no serviço militar e seus entes queridos.

O Livro de Mórmon ensina que a defesa da família, bem como a liberdade política e religiosa, é aceitável ao Senhor. *“Disse o Senhor: Defendereis vossas famílias mesmo até o derramamento de sangue. Por esta razão estavam os nefitas lutando com os lamanitas, a fim de defenderem-se, defenderem suas famílias e suas terras, seu país e seus direitos e sua religião”* (Alma 43:47).

Embora lutar por esses ideais seja nobre e aceitável ao Senhor, a guerra pode ter um alto custo, tanto físico quanto emocionalmente. Mórmon sabia pessoalmente o custo da guerra, tendo lutado e perdido seu povo. Ele também sabia que seu livro seria lido por nós em um tempo futuro (Mórmon 5:9), um tempo cheio de “guerras e rumores de guerra” (1 Néfi 14:15-16), e ele queria que seu livro fosse de ajuda para nós.



Mórmon também sabia como encontrar a paz, mesmo em meio a guerra. Foi durante um período cercado pela guerra que Mórmon declarou que os nefitas foram mais felizes. “Mas eis que nunca houve época mais feliz para o povo de Néfi, desde os tempos de Néfi, do que os dias de Morôni” (Alma 50:23). O Dr. Kent P. Jackson apontou a fonte dessa felicidade: “Apesar das constantes ameaças de guerra no tempo do Capitão Moroni, as pessoas estavam felizes, porque elas eram unas em Cristo e vivam o Evangelho”. Mesmo no caos da guerra, os santos em serviço militar ainda podem ver o Evangelho e encontrar a paz na unidade, solidariedade e fidelidade.

Na Conferência Geral de 1942, apenas quatro meses após o infame ataque dos militares japoneses à base naval de Pearl Harbor, nos Estados Unidos, o presidente J. Reuben Clark Jr. leu uma mensagem da Primeira Presidência. “A Igreja é e deve ser contra a guerra. A própria Igreja não pode fazer guerra a menos que e até que o Senhor emita novos mandamentos. A guerra não pode ser considerada como um meio adequado de resolver disputas internacionais [...] mas os membros da Igreja são cidadãos ou sujeitos de soberania sobre os quais a Igreja não tem controle”.

Apesar de sua profunda aversão e rejeição à guerra, os membros da Igreja acreditam “na submissão a reis,

presidentes, governantes, e magistrados; na obediência, honra, e manutenção da lei” (Regra de Fé 12). Encorajados pelos ensinamentos e exemplos do Livro de Mórmon, essas firmes convicções de dever e amor pelos outros, que está acima de si mesmo, são o que inspira muitos santos dos Últimos Dias a servir nas forças armadas.

O porquê



Como os autores do Livro de Mórmon confrontaram pessoalmente os rigores da ação militar, suas palavras podem dar sentido à dedicação, ao sacrifício, mesmo em alguns dos terríveis eventos que ocorrem durante a guerra. Como o Livro de Mórmon faz isso? Um exemplo poderoso disso pode ser visto com o Élder Lance B. Wickman na Conferência Geral de abril de 2008. Ele havia retornado recentemente de uma missão da Igreja no Vietnã. Ele a chamou de “uma viagem no tempo” porque décadas antes, ele havia lutado no Vietnã como tenente em um pelotão de fuzileiros do Exército dos EUA. Enquanto caminhava pelo campo e pela selva novamente, em sua mente ele podia ouvir as metralhadoras e pequenas armas de fogo de um dia específico, 3 de abril de 1966. Naquele dia, seu batalhão estava nas profundezas do território inimigo. Uma patrulha foi enviada e o tiroteio começou. Vários de seus homens foram feridos, incluindo seu querido amigo, sargento Arthur Morris.

Élder Wickman pediu um helicóptero de evacuação médica para levar os feridos à segurança. Ele pediu ao sargento Morris para seguir em frente. No entanto, o sargento Morris, desesperado para ficar com seus homens, respondeu: “Por favor, senhor [...] eles não conseguiram matar um sujeito durão como eu”. O Élder Wickman despachou o helicóptero sem o Sargento Morris. O Élder Wickman relembra: “Antes do pôr-do-sol daquele mesmo dia, meu caro amigo, o

Sargento Arthur Cyrus Morris, caiu morto, atingido por fogo inimigo. E na minha mente continua a ecoar sem cessar sua exclamação: "Eles não conseguirão matar, não conseguirão matar, não conseguirão matar [...]

Para encontrar conforto e perspectiva, o Élder Wickman se voltou para as palavras de Amuleque. "Pois eis que esta vida é o tempo para os homens prepararem-se para o encontro com Deus; sim, eis que o dia desta vida é o dia para os homens executarem os seus labores [...] portanto, que não deixeis o dia do arrependimento para o fim (Alma 34:32–34). O Livro de Mórmon oferece um dos testemunhos mais poderosos da realidade da vida, após o que chamamos de morte. Como a vida continua, hoje é o dia em que devemos agir, nos arrepender e nos preparar para avançar com sucesso para o próximo estágio de nossa progressão em direção à imortalidade e à vida eterna.

O Élder Wickman foi capaz de extrair um significado poderoso de uma perda trágica naquele dia. "Apesar de terrivelmente equivocado, de certa forma o Sargento Morris também estava certo! Somos de fato imortais, na medida em que a Exiação de Cristo vence a morte, tanto física quanto espiritual. E contanto que tenhamos vivido o Presente de maneira a fazermos jus à graça purificadora da Exiação, viveremos eternamente com Deus".

"Esta vida não é um período para apenas possuirmos e acumularmos, mas sobretudo para doarmos e nos aperfeiçoarmos. A mortalidade é o campo de batalha no qual se confrontam a justiça e a misericórdia. Mas elas não precisam se contrapor, pois se reconciliam na Exiação de Jesus Cristo para todos os que fizerem uso sábio do Presente".



A guerra é um momento de incerteza aterrorizante. No entanto, com a esperança que o evangelho nos dá, todos nós podemos saber que a morte não é o fim. Jesus Cristo rompeu as ligaduras da morte. Todos nós seremos ressuscitados e capazes de avançar no grande plano de misericórdia, alegria e paz de nosso Pai.

É incrivelmente desanimador encarar os horrores da guerra. No entanto, os Santos dos Últimos Dias podem usar as Escrituras para encontrar paz e significado em tempos de guerra. Os santos poderão ser encorajados ao reconhecerem que muitos dos autores, tanto da Bíblia quanto do Livro de Mórmon, conheciam pessoalmente a angústia do soldado. A pesquisadora bíblica Anathea Portier-Young resumiu o serviço de Mel Baars, um capelão do Exército dos EUA, dizendo: "Para os soldados que experimentaram e até cometeram atrocidades na guerra, há grande valor em aprender que as Escrituras conhecem seu horror e a vergonha do efeito desumanizante da guerra. Ler sobre esses horrores nas Escrituras Sagradas sugere aos veteranos de combate que eles não estão à margem do poder redentor de Deus".

Por fim: "Nossas tradições sagradas conhecem os horrores que conhecem. Esses horrores vêm até nós de uma maneira que devemos nos envolver e discutir, mas sua própria presença nas Escrituras sugere que não é errado ousar falar diante de Deus, não há crime que não ousemos confessar, porque não há horror que Deus não tenha visto e conhecido". Os santos no serviço militar também podem ser consolados pelas palavras de líderes da Igreja, como o Élder Wickman. Não apenas os autores das antigas Escrituras conhecem a dor de um soldado, mas também profetas, apóstolos e outras autoridades gerais modernas.

Anos após seu serviço na Segunda Guerra Mundial, o Élder Packer se dirigiu aos membros da Igreja em serviço militar, em 1968; sua tristeza pela guerra é evidente, mas também suas convicções:

Eu usei o uniforme da minha pátria em um momento de conflito generalizado. Senti o odor fétido dos cadáveres humanos e derramei lágrimas pelos companheiros abatidos. Escalei os escombros de cidades devastadas e contemplei com horror as cinzas de uma civilização sacrificada a Moloque (Amós 5:26); no entanto, sabendo disso, com a

situação atual, se fosse chamado novamente para o serviço militar, não conseguiria me opor conscientemente! A vocês que responderam a esse chamado, dizemos: sirvam honrosamente e bem. Mantenha sua fé, seu caráter, sua virtude.

Leitura complementar

Robert C. Freeman, Dennis A. Wright eds. *Saints at War: Experiences of Latter-Day Saints in World War II* (American Fork, UT: Covenant Communications, 2001).

Kent P. Jackson, "War and Peace—Lessons From the Upper Room" em *To Save the Lost: An Easter Celebration*, ed. Richard Neitzel Holzapfel e Kent P. Jackson (Provo, UT: Religious Studies Center Brigham Young University, 2009) pp. 35–59.

Lance B. Wickman, "O Presente", *Liahona*, maio de 2008, p. 103, disponível em [lds.org](https://www.lds.org).



© Central do Livro de Mórmon, 2019

Notas de rodapé

1. Éxodo 17:8–16; Josué 6; Palavras de Mórmon 1:13; Alma 2:16; Mórmon 5:1.
2. Kent P. Jackson, "War and Peace—Lessons From the Upper Room" em *To Save the Lost: An Easter Celebration*, eds. Richard Neitzel Holzapfel e Kent P. Jackson (Provo, UT: Religious Studies Center Brigham Young University, 2009), p. 56.
3. Message of the First Presidency, Conference Report, abril de 1942, p. 94.
4. Lance B. Wickman, "O Presente", *Liahona*, maio de 2008, p. 103, disponível em [lds.org](https://www.lds.org).
5. Wickman, "O Presente", p. 104.
6. Wickman, "O Presente", p. 104.
7. Wickman, "O Presente", p. 105.
8. Wickman, "O Presente", p. 105.
9. Anathea Portier-Young, "Drinking the Cup of Horror and Gnawing on Its Shards: Biblical Theology Through Biblical Violence, Not Around It", em *Biblical Theologies*, ed. Heinrich Assel, Stefan Beyerle e Christfried Böttrich (Tübingen: Mohr Siebeck, 2012), p. 407.
10. Portier-Young, "Drinking the Cup of Horror", p. 407.
11. Boyd K. Packer, "The Member and the Military", Conference Report, abril de 1968, p. 35.